

“Fico triste por você, que prefere me seguir ao invés de me acompanhar...”

depoimento de
Caius Marcellus Cortese Franco*



Figura da página anterior:

Croquis de figurino de autoria de Jorge O. Caron para a peça "Esperando Godot", Direção Antunes Filho, 1977. Fonte: Acervo Jorge Caron. (Imagem acrescentada pelos editores desta edição temática ao presente texto)

— ■ ■ ■ porque quando você chega em uma esquina eu já estou em outra. Assim definiu Caron a sua proposta para a vida num texto muito bonito publicado na revista Projeto. É necessário compreender a profundidade dessa questão para entender a dinâmica de sua atuação. Ele não ia parar a caminhada, mas tinha a generosidade de nos convidar pra ir com ele nesse peripato. Ele era o cara que andava interligando as caixinhas estanques do conhecimento e nos convidava pra fazer essa trajetória com ele. Atitude política de espírito democrático.

Com uma presença ímpar, ele era daqueles que preenchia os lugares onde estava. Uma figura com características tão marcantes que inspirou a produção de diversas caricaturas feitas por seus alunos e amigos durante toda sua vida e que ele fazia questão de colecionar dizendo que não eram uma forma de escárnio. Eram a comprovação de que você era uma pessoa de personalidade marcante, distinta, que importava aos outros. Quem não conheceu o riso de dentes serrados quando ele se deliciava internamente com algo que desvendou? Olhava nos nossos olhos pra ver se a gente estava nessa com ele. Os olhos iluminados diante da percepção daquilo que era pra ele, um momento mágico, talvez muito mais do que pra nós. Era ele democratizando o conhecimento, a beleza das coisas.

Se tivesse que definir minha convivência com o Caron diria que a palavra é generosidade. Ele queria compartilhar o maravilhamento com a vida. Conhecimento guardado na gaveta não serve pra nada, reiterava. Todo encontro com o Caron logo se transformava num passeio de observação das coisas todas que nos cercam e a maneira como elas estão interligadas e quão fantástico era isso. Na maior parte das vezes ele estava comunicando essa percepção tentando convidar a audiência a participar desse processo. Provocava você para que emitisse uma opinião. Estava esperando a reverberação da troca, da nossa contribuição no processo, na construção do nosso contrato social, através dessa participação pessoal onde você é o seu representante.

Era corriqueiro ver uma pequena fila na porta da sua sala, com a fauna mais diversa de interesses aguardando uma orientação nas pesquisas que desenvolvíamos juntos. Ali pude entender essa essência do Caron, uma abordagem da capacidade de ver o que é comum à tudo, aprender o processo de perceber. Então ele conversava com a mesma desenvoltura com o primeiro que veio falar de mecatrônica, com o segundo que veio falar de botânica e paisagismo e o outro que veio falar do teatro, do espetáculo, e eu que estudava o design automobilístico num projeto conjunto com a engenharia mecânica. Tudo era de interesse dele, enquanto exercício de percepção, de compreensão e transformação do mundo.

* Caius Marcellus Cortese Franco é Arquiteto e Urbanista.

Nesse exercício de tecer costuras horizontais entre coisas aparentemente afastadas fui aprender com ele a existência do projeto do projeto. Sem que eu tivesse a clareza, naquele momento ele nos explicava um dos princípios norteadores da minha caminhada, a interdependência. Esse é um fator essencial que aplicado ao ato de projetar, se traduzia na necessidade de conhecer os processos envolvidos na viabilização do objeto a ser construído e hoje vejo como isso se estende à vida. No campo pragmático gerava perguntas tais: como isso funciona ? O que tem que ter ali pra que isso se conecte com aquilo ? Como tudo isso vai chegar no local dessa construção ? Como você faz pra pintar essa torre enorme sem pintar toda a frota de carros e as casas que estão lá embaixo ? Vai parar a cidade pra fazer isso ? (no fim se ouvia aquele riso característico já descrito aqui)

Uma vez me falou em nossa reunião semanal durante o desenvolvimento do projeto de iniciação científica, que eu era muito sucinto nas minhas colocações e que eu fazia isso porque achava que todo mundo sabia do que eu estava falando. Era necessário que eu desenvolvesse o assunto para situar as pessoas antes de apresentar a minha tese. A convivência com ele era assim, sempre alertando para o que podia ser incorporado, lapidado, desenvolvido, amadurecido.

Com isso incorporado na minha vida devo ressaltar que esse depoimento não fala sobre o Caron. Fala mais da minha relação com ele e como eu o via e nesse sentido fui muito privilegiado. Tive a sorte de ir morar numa república de veteranos quando me mudei para São Carlos no segundo ano de faculdade. Lá tive contato com o Roberto Gambaratto que já estava pra terminar o curso e numa conversa sobre as disciplinas daquele meu ano ele falou: Você tem a sorte de ter essa disciplina com o Caron, nem sempre ela é oferecida por ele. Você vai perceber que o Caron é muito peculiar e se você se aproximar dele terá muitas oportunidades de aprender coisas fantásticas, mas ele tem um humor bastante ácido e é muito crítico, vai falar coisas que se você levar para o lado pessoal vai se sentir agredido, mas não se trata de você. Se conseguir entender isso, se perceber que ele tá falando com a intenção de te provocar, de quebrar a tua armadura, vai crescer muito.

Caron montava o espetáculo do ensino construindo o cenário do encontro. Sempre consciente do que a oportunidade poderia lhe oferecer, ao chegar no local, criava a situação toda em torno de si fazendo de palco uma cadeira, uma mureta um pouco mais alta que seu entorno, um biombo atrás da mesa onde se colocava como o senhor feudal japonês, pronto pra debater o assunto com os súditos. Quem teve aula com ele sabe que essa montagem de cenário era pura inspiração Shakespeariana. Inúmeras vezes ele nos contou sobre essa capacidade de deixar a criação do cenário na mente da plateia a partir de indícios e indicações do autor. Nesse momento Caron era ator e cenógrafo ao mesmo tempo e principalmente, diretor oculto desse espetáculo do ensino, direcionando a cena para onde queria chegar, se valendo das contribuições interativas da plateia.

Como todo aquele repleto de humanidade ele era contraditório. Por vezes criava uma balburdia entorno de algo que queria dar relevância, notoriedade. Durante uma palestra do Abrahão Sanovicz, que foi seu veterano na faculdade, começou a contra-argumentar sobre o que era exposto, e interrompido por Sanovicz que dirigia a atenção à ele, teve que ouvir: “Para Caron, não começa, não faça isso (então olhando pra nós), ele sempre

foi assim... mas é um bom menino”. Caron silenciou com um sorriso de contentamento no canto da boca, daqueles que expõe uma memória afetiva do passado distante e se dirigiu ao grupo em que eu me encontrava logo atrás dele: “O que vou falar ? Ele foi meu veterano... me conhece”. Esse contraditório, essa desordem ordenada que ele promovia, nunca foi empecilho para admirar a sua ação, seja no campo pessoal ou no profissional, embora essas duas dimensões se misturassem por vezes. Na vida pessoal ele se mantinha professor pronto a dar aula sobre o assunto observado de modo que não havia uma fronteira muito clara entre o Caron de casa e o da sala de aula. Sinto que quando em casa ele era um tutor mais paciente, mais carinhoso. Havia convidado você para estar nos seus domínios. Já na faculdade ele estava representando cem por cento dentro do espetáculo do ensino. Essa continuidade da essência professor em diversos ambientes é característica daqueles que tem por natureza querer explicar as coisas, mostrar o que está eclipsado, contar pra todo mundo o que está vendo, tecer relações interligando coisas que ninguém se preocupa em notar.

Acredito que com sua partida, muitos vazios de diferentes significados foram deixados na vida de quem conviveu e gostava dele e sobretudo se importava muito com ele.

Que falta faz Caron. Ele não era apenas necessário, era imprescindível. Com ele a caminhada não era apenas funcional, era sempre um passeio de maravilhamento, um olhar de admiração para a vida... mesmo para aqueles que apenas o seguiram ao invés de acompanhá-lo.

Esse relato foi incapaz de dar conta da dimensão que teve em minha vida esse breve encontro com ele. Vejo que continuo sucinto demais. Quem sabe um dia consigo amadurecer essa herança que me deixou, meu caro amigo e mestre Caron...